

EDITORIAL

Ao examinar a variedade dos temas deste número de "Educação em Revista", pode o leitor questionar: onde a unidade?

Parece-nos que só há uma resposta possível: na des-unidade. Marca registrada dos últimos dois séculos da civilização é a des-continuidade, o novo que brota debaixo de nossos olhos e que, antes de ser dissecado pelo nosso conhecimento, já se dissolveu.

A civilização moderna se desfez da histórica luta humana para construir o permanente e o sólido. A história nos mostra que as cidades eternas como Jerusalém, Atenas, Roma; as construções-símbolo de concepções de mundo, como pirâmides do Egito, Coliseu romano, catedrais góticas; e os próprios instrumentos de trabalho capazes de passarem de geração a geração, como os carros de boi, os arados e as bigornas, podiam assistir ao nascimento e à morte de seus usuários. Hoje, a civilização debate-se no inglorioso processo de construção-destruição de produtos provisórios, que se tornam envelhecidos antes mesmo de serem usados: roupas da moda, aparelhos eletrônicos, relógios digitais, vilas do B.N.H, móveis e automóveis. . .

Como, nesse quadro, fixar – sem restringir – o que interessa de forma única e permanente à Educação e aos educadores?

Parece-nos que só uma resposta caberia: tudo o que entra no circuito de nossa percepção e ação. Na medida em que os acontecimentos, ou o modo de percebê-los e racionalizá-los, permitem uma aproximação do educador com o mundo vivido, esse ato de racionalidade pode ser entendido como uma ruptura nas cortinas que cobrem a visão mais profunda. Então, os limites dos temas na revista não ocorrem por determinação editorial, e sim por problemas apenas de espaço. Fora desse limite, o campo é ilimitado. E em nosso espaço possível pode-se colocar o "mundo possível" que se abre para quem quer pensar a práxis educativa. Daí a variedade dos temas: A escola autoritária na década de 20 (veja que estranho!), o ensino da geometria, os desafios do computador, o cotidiano de uma escola do século XIX, o problema da mulher, do saber popular, ou os dramas dos professores na década de 40. . . Enfim, uma visita à história já feita e um encontro com a que se está fazendo.

Nessa variedade, encontramos uma outra e inesperada unidade: ao se falar de coisas passadas e de coisas presentes, parece-nos que muitos desses passados ressuscitaram: DE TÃO PRESENTES.